

O Caminho do Tigre

História escrita por Robyn Jensen

O Zodíaco Chinês consiste em um ciclo repetitivo de doze anos. Cada ano é representado por um animal com qualidades que, é dito, refletem aquelas das pessoas nascidas naquele ano.

Em 2022, de acordo com o calendário lunar, o Ano Novo Chinês é celebrado na terça-feira, 1º de fevereiro, marcando o terceiro ano do Zodíaco Chinês, denominado Ano do Tigre.

Na China, o tigre é reverenciado como o rei de todos os animais, valorizado por sua força, coragem, poder e bravura. Da mesma forma, é dito que aqueles nascidos no Ano do Tigre são corajosos, valentes, e confiantes, e também dotados de força, liderança, amabilidade e encanto.

Retirando dois enormes baldes de um gancho ao lado da porta, o jovem saiu apressado para a periferia da cidade em busca de água. Seus músculos estavam tensionados pelo peso dos baldes que deveria levar de volta aos soldados do rei, que jogavam dados no calor da tarde.

No caminho, passou por um segundo grupo de soldados que estavam confiscando a colheita dos camponeses como impostos para o rei. Ficou triste ao ver os lavradores tendo que implorar para ter arroz suficiente para suas famílias. Porém, não havia misericórdia. O rei que cobrava esses impostos era um tirano, deixando seu povo próximo da inanição. Sob seu reinado, essa aldeia que havia sido próspera declinou para tempos difíceis, e o glorioso tigre que adornava a bandeira da aldeia — um símbolo do espírito das pessoas, que antes inspirava coragem — agora invocava o medo.

Com o coração inflamado, o jovem prometeu colocar um fim ao sofrimento de sua família e dos vizinhos. Se ele ao menos conseguisse chegar no topo da Montanha do Tigre! O solstício havia chegado; esta noite seria sua chance!

Durante toda sua vida, sua avó tinha sussurrado para ele sobre a lenda do tigre — como, a cada doze anos, na véspera do solstício de verão, os jovens da aldeia escalavam a montanha sagrada em busca do grande tigre branco. Qualquer um que encontrasse o tigre e retornasse abençoado com uma prova do feroz animal — um dente, um fio do bigode ou até mesmo um arranhão — poderia reivindicar o mandato real e governar a aldeia “pelo consentimento do tigre”. Sua avó lhe havia contado que os antigos líderes invocavam a magnífica criatura e reivindicavam as extraordinárias virtudes do tigre, de benevolência, coragem e força, para orientar seu mandato.

Esta noite, o jovem apostaria sua vida nessa lenda. Apesar de não haver uma alma viva que tivesse visto o animal divino uma única vez, os anciãos da aldeia — incluindo sua avó — confiavam implicitamente na proteção vigilante do tigre ao seu povo. *Preciso encontrar o tigre, dizia a si mesmo, ou vamos todos perecer.*

Determinado a ter êxito, ele saiu furtivamente durante a troca da guarda, pois escalar a Montanha do Tigre era agora proibido por decreto real. Ele correu até a pequena cabana de palha onde morava com sua avó para pegar uma faca e uma tocha e para receber as bênçãos dela.

Depois de compartilhar seu plano com ela, os dois ficaram em silêncio por um momento, a gravidade da decisão pairando entre eles.

A bondosa senhora segurou o rosto dele em suas mãos e, falando com firmeza, disse: “Meu menino, agora é hora de grande bravura.” Com um sorriso radiante ela disse: “Lembre-se, um verdadeiro herói nasce no coração. Tenha coragem!” Ela o abraçou e disse: “Que você seja abençoado

com a visão do tigre!” Então ela observou com orgulho enquanto seu neto, carregando a tocha acesa, desaparecia na floresta.

Foi uma jornada árdua. No início, sua escalada da montanha foi alimentada pela raiva e a indignação com a crueldade dos soldados e do rei. Ele batia contra os arbustos, cortando os cipós com sua faca, abrindo caminho à força, como se cada golpe pudesse de alguma forma corrigir as maldades terríveis que ele e os outros aldeões tinham sido forçados a suportar.

O jovem não ouvia os gemidos do vento, ou as árvores, ou os animais correndo pela floresta enquanto fugiam de sua investida raivosa.

Quando finalmente parou, com a raiva e a energia esgotadas, ele viu com remorso os galhos quebrados suspensos e o caminho irregular que ele havia aberto à força na floresta. *Eu machuquei tantas plantas com minha raiva*, ele pensou. *E o que consegui com isso? Isso não é maneira de continuar avançando.*

Como forma de pedir perdão à terra, ele se ajoelhou e ofereceu sua faca, deixando-a no solo da floresta. *Deixe-me enxergar corretamente... com benevolência verdadeira*, ele rezou.

Agora, o jovem passou a observar cuidadosamente o que estava à frente, buscando aberturas entre as plantas — uma forma natural de subir a montanha.

Depois de algum tempo, percebeu que pisava em algo macio. Segurando no alto a chama já reduzida, ele se agachou e olhou para o solo bem à sua frente. Um pânico súbito tomou conta dele, pois ali no musgo esponjoso havia uma enorme pegada. Seria o tigre? Nesse momento, a tocha apagou e ele ficou mergulhado na escuridão. Um medo gélido paralisou seu corpo.

A cacofonia dos barulhos da floresta ficou insuportavelmente alta, e seus pensamentos se desenfrearam: *O que farei se encontrar o tigre? Não tenho faca nem chama, nenhuma proteção. E se o tigre me atacar?* Cada som e farfalhar parecia um prenúncio da destruição certa. Ele mal conseguia respirar. Olhando para cima em pânico, ele viu um minúsculo brilho do luar e ouviu a voz de sua avó o instigando: “Um verdadeiro herói nasce no coração. Tenha coragem.”

Guiado pelas palavras dela, o jovem avançou montanha acima. *Deixe-me ouvir corretamente e encontrar coragem*, ele rezou. Horas se passaram e o som das folhas deslizando por ele começou a ecoar o conselho de sua avó. *Tenha coragem*, elas sussurravam. *Estamos com você*. Sua respiração suavizou. Seu coração se acalmou. Ele começou a escutar a floresta não como um obstáculo, mas como uma aliada — uma amiga. Ele ganhava confiança a cada passo, e sua determinação de encontrar o tigre aumentou.

Ele acelerou o passo, e era tomado por uma sensação de euforia conforme subia mais rápido. Começou a se sentir bastante ousado. *Estou realmente fazendo isso*, pensou. *Sou realmente um herói! Como serei louvado quando retornar. Serei honrado. Poderia até ser rei!* Sem parar, sua mente percorria todas as possibilidades de glória. Satisfeito consigo mesmo, começou a rir alto. Estava tão distraído com os pensamentos do louvor que estava por vir que tropeçou em um tronco no caminho e caiu de bruços.

Então ele ouviu um rugido poderoso, tão alto que atravessou seu devaneio orgulhoso — um rugido como um trovão, que vibrou por dentro dos seus ossos e o sacudiu para o momento presente. O jovem não conseguia ver nada, mas sabia que o tigre estava perto. Ele buscou refúgio na proteção do tigre e rezou com todo o coração: *Deixe-me adorar corretamente, com a força da verdadeira humildade*.

Ele se levantou e avançou cuidadosamente, com a respiração estável, e o foco firme no objetivo. Ele estava próximo do cume agora, e cada

movimento contava. Com um passo final, ele atravessou as árvores escuras para um vasto espaço aberto. Raios de luar fluíam da cúpula desobstruída do céu, iluminando tudo.

Olhando ao redor na claridade, ele viu, para seu completo espanto, que aquele espaço era cercado de árvores e que, em cada galho — cada folha — de alto a baixo, havia criaturas de todos os tamanhos, formas e cores empoleiradas, agarradas ou deitadas. Todas as criaturas da floresta haviam se reunido numa assembleia silenciosa. Elas o encaravam numa vigilância inocente.

E ali, no meio da clareira, equilibrado e majestoso, estava sentado o grande tigre branco — uma visão de absoluta magnificência, imenso poder e tranquilidade. Sua pelagem brilhava como alabastro ao luar. Seus olhos ardentes penetravam o jovem até a alma.

Esse olhar do tigre era diferente de tudo que ele já havia experimentado. Toda a sua fraqueza se dissolveu; todas as suas dúvidas se dissiparam. Uma grande sensação de paz o invadiu. Ele se sentiu expandido pela coragem e a fé — fé em si mesmo e em quem ele era no âmago de seu ser.

Sua mão se moveu instintivamente para o coração. Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça em reverência e gratidão. Por muito tempo, o jovem ficou assim, vendo o tigre em sua mente, imerso em sua presença e sentindo as qualidades do tigre — sua benevolência, coragem e força — iluminadas dentro dele.

Quando ergueu o olhar, o tigre havia sumido. Ele olhou à sua volta e viu que estava sozinho na clareira. Teria ele sonhado com essa visão? Parecia tão real! O sentimento em seu coração ainda estava lá — e isso *era* real. Alegria e um novo senso de propósito o preencheram. Certamente, ele agora seria capaz de salvar sua aldeia.

Mas espere! Ele pensou, Não tenho um bigode, nem um dente, nem uma marca do tigre em mim.

No entanto, ele não tinha sido abençoado com a visita do tigre sagrado? Eles não tinham falado de coração para coração naquele grande silêncio?

Ele sabia o que deveria fazer...

Na praça da cidade, o velho rei estava sentado em um trono dourado erguido bem acima da multidão, extraíndo seu poder dos soldados que o cercavam, com suas espadas apontadas para os aldeões desarmados. Com um sorriso zombeteiro, o rei disse: “Alguém aqui se atreve a me desafiar neste dia de solstício?” A multidão permaneceu num silêncio inquieto. “Eu achava que não mesmo!” disse o rei.

— Espere! — chamou uma voz do fundo da multidão — Eu vi o tigre! Eu escalei a montanha e vi aquele que lá habita. Eu reivindico o mandato do tigre!

Os aldeões ficaram boquiabertos, e todos se viraram para ver quem havia falado.

O jovem deu um passo à frente, seus olhos brilhando com poder e autoridade recém-descobertos.

Vendo o jovem, o sorriso do rei tornou-se um escárnio.

— Há! — disse ele — Você é só um menino! E não vejo nenhuma marca em você. Mostre-nos o sinal, ou você não tem provas?

Lembrando-se da visão do tigre em seu interior, o jovem caminhou a passos largos até a frente da multidão. Olhando para o rei, ele disse: “Nós somos um só. Eu vi isso.”

Agora temeroso, e abalado por algo nos olhos do jovem, o velho rei levantou-se num salto e gritou: “Levem embora esse impostor! Ele invadiu a montanha!”

Os soldados deram um passo à frente com suas lanças, mas o tigre foi mais rápido — mais rápido até do que a velocidade de um raio. O grande tigre branco — a criatura lendária da Montanha do Tigre — saltou entre os soldados e o jovem, apontou suas garras afiadas para o rei e soltou um rugido tão alto que reverberou por toda a região. Os soldados, tremendo de terror, largaram as armas e fugiram da aldeia. E o velho rei, agora encolhido atrás do trono, escapuliu para nunca mais ser visto.

Os aldeões assistiram com admiração e alegria enquanto o jovem que eles conheciam e amavam ascendeu ao trono. O nobre tigre deitou-se a seus pés e ofereceu ao jovem rei um de seus longos bigodes. E então, tão rápido quanto havia chegado, o grande tigre branco desapareceu na selva nos limites da aldeia.

Um grito espontâneo de júbilo emergiu do coração dos aldeões. O jovem rei ordenou que o armazém real de grãos e ervas medicinais fosse destrancado e seu conteúdo distribuído a todos, jovens e idosos. Então, com uma voz clara e retumbante, ele proclamou: “O caminho do tigre está de volta!”

